

## O MULTICULTURALISMO CANADIANO E O FUTURO DOS AÇORIANOS NO QUEBEQUE

Victor M. Pereira da Rosa  
(Universidade de Ottawa-Canadá)

e  
Carlos Teixeira  
(Universidade York-Canadá)

Este trabalho tem por objectivo situar a comunidade portuguesa de origem açoriana no contexto geral do multiculturalismo canadiano, particularmente no que toca ao Quebeque. De facto, é nesta província que se encontra, logo a seguir ao Ontário, a segunda maior concentração de açorianos a residir no Canadá.

Ao consultar a bibliografia sobre a presença portuguesa neste país, constata-se uma lacuna no que diz respeito aos estudos específicos sobre os açorianos que, no entanto, constituem a grande maioria (60 a 65 %) do número total dos imigrantes vindos de Portugal. A comunidade portuguesa, seja ela do Continente, da Madeira, ou dos Açores, constitui uma componente fundamental no mosaico étnico canadiano. Daí justificar-se plenamente esta breve análise da inserção dos Açorianos do Quebeque num cenário em que sobressai o multiculturalismo.

● Canadá é actualmente caracterizado pela heterogeneidade cultural e, particularmente a partir do fim da Segunda Guerra Mundial, sofreu alterações consideráveis na sua composição étnica e demográfica. A multiplicidade de povos que hoje formam o Canadá são elementos-chave na identificação nacional do país e a população vê esta diversidade cultural como um dos elementos *sine qua non* do tecido nacional. Com efeito, a etnicida-

de é hoje reconhecida como dimensão essencial da organização política e do comportamento social que caracterizam as sociedades pluralistas contemporâneas.

### Multiculturalismo

Desde a sua fundação, o Canadá tem sido considerado como sociedade multicultural. As tribos autóctones, os colonizadores europeus e os imigrantes mais recentes, todos têm contribuído com as respectivas culturas para a sociedade canadiana. No entanto, por causa da cor da pele, da origem étnica ou da formação cultural, ainda existem bastantes barreiras que impedem alguns cidadãos de exercerem plenamente os seus direitos cívicos. A política do multiculturalismo foi anunciada em 1971 para remover esses obstáculos e facilitar às minorias a preservação e promoção das suas línguas e culturas de origem. A lei do multiculturalismo, promulgada pelo Parlamento em 1988, reconhece a composição étnica e racial... “como uma característica fundamental da sociedade canadiana, a qual está comprometida com o sistema de multiculturalismo, destinado a preservar e aumentar a herança multicultural dos canadianos e, concomitantemente, esforçando-se para conseguir a igualdade de todos os cidadãos na vida económica, cultural e política do Canadá” (Multiculturalism and Citizenship Canada, 1991).

Em contraste com o “*melting pot*”, modelo de assimilação prevalente nos Estados Unidos, Reitz e Breton (1994:41) defendem que “a visão da sociedade canadiana como um mosaico cultural implica que, no Canadá, as minorias étnicas estejam sujeitas a uma pressão relativamente pequena para serem assimiladas e que até são encorajadas a manter as respectivas identidades culturais”.

Na busca da identidade canadiana ou da sua afirmação, seria errado confundir multiculturalismo com assimilação, pois estes dois conceitos são antagónicos. Tão pouco seria legítimo considerar cada cultura presente no Canadá como exclusiva ou auto-suficiente.

Apesar das boas intenções, o multiculturalismo tem sido criticado, tanto no campo político como académico (ver, entre outros, Bibby 1990;

Wallen 1991; Fleras e Elliott 1992; Bissoondath 1994). Na opinião de Anthony Richmond (1994:44), “há uma tensão inevitável entre a execução de sistemas multiculturais e a promoção de um sentido de unidade e obrigação substancial”. Os problemas parecem emergir de conflitos resultantes da competição pelo poder, status e reconhecimento, não somente entre as minorias específicas, mas também entre essas minorias e as maiorias dominantes anglófonas e francófonas.

A política do multiculturalismo promovida pelo governo federal não pretende certamente consolidar cada grupo étnico no narcisismo de um “*ghetto*”, mas sim valorizar as culturas de origem encorajando ao mesmo tempo uma abertura que leve à complementaridade. Se, por um lado, este sistema tem tido algum sucesso na eliminação do racismo e na fortificação da unidade nacional, por outro, ele ainda não é suficientemente conhecido por todos os canadianos e, actualmente, os seus objectivos fundamentais estão a ser criticados por determinadas forças políticas.

Enquanto os princípios do multiculturalismo parecem ter atractivos para a maioria dos grupos étnicos, a população francesa do Quebec, aparentemente, não pode acomodar esse processo, que é visto como uma tentativa disfarçada de domínio pela cultura inglesa e é talvez por esta razão que o separatismo atrai muito mais do que o multiculturalismo. Como muito bem escreveram os sociólogos Jeffrey Reitz e Raymond Breton (1994:14), “muitos canadianos-franceses preocupam-se com o facto de que isso possa servir para reduzir o seu status no Canadá ao de uma minoria entre outras. A questão complicou-se nos últimos anos com a adopção, por parte do governo do Quebec, da sua própria versão de multiculturalismo que denomina de *convergência acultural*”.

A ideologia assimilatória que se reflecte na legislação quebequense no respeitante à preservação da língua e cultura francesas (por exemplo as controversas Leis 101 e 178) tem criado sérias tensões entre os quebequenses de origem francesa e o resto da população — de origem inglesa ou imigrantes. Com efeito, os canadianos franceses do Quebec, mais do que os outros canadianos, opõem-se à retenção cultural — e *ipso facto* à sua expressão federal, que é o multiculturalismo — provavelmente porque se sentem vulneráveis na sua posição de grupo no Canadá (Reitz e Breton 1994:126-127).

Devido a pressões políticas, o governo federal permitiu que o Quebec criasse o seu próprio Ministério da Imigração, o que, sublinhe-se, constitui uma excepção a nível da confederação canadiana. Esta aberração tem sido justificada pela aplicação de critérios especiais de admissão cujo objectivo é de encorajar a imigração de países de expressão francesa e de “francizar” os novos imigrantes que não falem francês. Uma vez mais, recorremos a Anthony Richmond (1994:147) ao afirmar que “o bilinguismo oficial a nível federal... encontra-se firmemente inscrito na Constituição desde 1982. Contudo, o Quebec não assinou esse documento, preferindo enfatizar a sua individualidade própria e promover o monopólio da língua francesa para os residentes do Quebec, venham eles do resto do Canadá ou do estrangeiro”.

### Canadá: História e Imigração

A presença histórica dos portugueses no Canadá data de, pelo menos, 1472, quando João Vaz Corte Real, João Fernando Lavrador, Pedro de Barcelos e outros navegadores exploraram as costas da Terra Nova e do Lavrador. Esta presença também está documentada em mapas da época dos descobrimentos em que cabos, ilhas, rios, promontórios e portos têm nomes portugueses — por exemplo: Baccalieu, Fogo Island, Portugal Cove, Conception Bay, Freyluis, Bonavista, etc. (cf. Alpalhão e Da Rosa 1980; Mannion e Barkham 1987).

Apesar de apenas uns poucos portugueses terem fixado residência no Canadá durante o período dos descobrimentos, talvez devido aos rigores do clima, a presença de pescadores portugueses nos bancos da Terra Nova, durante os últimos quatro séculos, está bem documentada (Brazão 1964).

Além desta presença esporádica de pescadores no litoral atlântico, os primeiros imigrantes europeus no Canadá foram colonos franceses que se estabeleceram em territórios que hoje fazem parte das Províncias da Nova Escócia, do Novo Brunswick e do Quebec. Logo a seguir à conquista inglesa, em 1763, diminuiu substancialmente o número de emigrantes de França, notando-se que entre 1815 e 1867, entraram no Canadá cerca de um milhão de súbditos britânicos. Desde a confederação (1867) até ao fim

do século, as Ilhas Britânicas constituíram a maior fonte de imigrantes para este país.

No curto espaço de tempo entre 1900 e 1914, aproximadamente três milhões de pessoas estabeleceram-se no Canadá. Durante este período, houve uma diversificação com respeito aos países de origem. Se bem que as Ilhas Britânicas continuassem a fornecer importantes contingentes de emigrantes, a Rússia, o Império Austro-Húngaro, a Itália e a Escandinávia passaram a ser também fontes importantes de imigrantes.

No período balizado pelas duas guerras mundiais houve uma diminuição da imigração no Canadá. De 1945 até à actualidade, mais de cinco milhões de pessoas vieram viver neste país. Estes imigrantes são, cada vez mais, provenientes da Ásia e das Caraíbas, diminuindo a percentagem dos originários da Europa (cf. Knowles 1992; Marr 1992).

No Canadá em geral e no Ontário e Colúmbia Britânica em particular tem-se verificado uma crescente diversificação da composição étnica e racial da população. Por exemplo, em 1991, 38% dos habitantes de Toronto tinham nascido no estrangeiro. Em relação a duas outras metrópoles canadianas, estas percentagens eram de 30% para Vancouver e 17% para Montreal. A maioria dos imigrantes têm tido como destino as grandes metrópoles do Canadá. No caso de Toronto e segundo Pieton (1992), nos primeiros anos do próximo século as minorias ditas visíveis — sobretudo de origem africana, asiática ou caribenha — formarão quase metade da população de Toronto (44,6% do total ou seja 2,1 milhões de pessoas).

Uma segunda fase dos contactos dos portugueses com o Canadá iniciou-se a partir da década de 1950. A documentação existente aponta 1953 como sendo o ano em que um grupo oficial de 555 portugueses imigraram para o Canadá (cf. Alpalhão e Da Rosa 1980; Anderson e Higgs 1976; Marques e Medeiros 1980). A estes seguiram-se outras vagas de imigrantes, como se verifica nos seguintes dados estatísticos: 17.114, entre 1950 e 1959; 59.677, entre 1960 e 1969; 79.891, entre 1970 e 1979; 38.187, entre 1980 e 1989 (cf. Teixeira 1995).

Existem hoje, no Canadá, comunidades portuguesas localizadas de costa a costa, e é difícil saber exactamente quantos imigrantes portuque-

ses, descendentes nascidos no Canadá (segunda e terceira gerações) e imigrantes ilegais estão a viver neste país. Alguns afirmam que o número de portugueses é de aproximadamente 300.000; outros defendem que eles não estão longe dos 400.000 e, ainda, outros calculam o seu número em perto de meio milhão de pessoas. Calcula-se que destes totais, os agoranos serão entre 180.000 e 325.000. Na Província do Quebec, o número de pessoas de origem portuguesa é estimado entre 55.000 e 60.000, dos quais 60% são de origem açoriana, particularmente da Ilha de São Miguel. Sob qualquer prisma, a população portuguesa, por si só, já constitui um dos mais importantes grupos étnicos, e a língua portuguesa é uma das línguas não-oficiais mais faladas no Canadá como se pode verificar pelos dados do Recenseamento de 1991, i.e. origem étnica portuguesa (resposta única): 246.890; língua materna portuguesa: 211.040.

### Quebeque

O Quebec tem as suas raízes na história e na cultura do povo francês, mas só durante o século XVII é que apareceu uma emigração massiva proveniente de França. Desde então, os francófonos que constituem a maioria da população, controlam culturalmente o Quebec, se bem que, até data recente, uma pequena percentagem de anglófonos tenha monopolizado as rédeas do poder económico. Marginalizados pelos europeus, os povos autóctones — ameríndios e inuit — estão presentes no território do Quebec desde a época pré-histórica. Também um enorme contingente de imigrantes oriundos dos quatro cantos do mundo enriquecem actualmente o caleidoscópio cultural desta província.

De 1871 a 1991, a população do Quebec passou de 1.191.516 para 6.810.300 habitantes, um aumento de 471% em 120 anos. Por outro lado, a população do Canadá aumentou em 649% no mesmo período de tempo. Com objectivos comparativos, acrescentamos que no período 1971-1991 a população do Canadá cresceu de 29% enquanto que a do Quebec aumentou apenas de 13%. Assim, torna-se claro que a taxa de crescimento demográfico no Quebec foi menor que a taxa de crescimento canadiana, resultando numa redução da percentagem do Quebec no total da população canadiana (Conseil des communautés culturelles et de l'immigration 1994).

No que diz respeito à população imigrante — isto é nascida no estrangeiro — deve-se destacar que os dados de 1991 para o Quebec são de 591.205, ou seja 8.7% da população total da província enquanto, por exemplo, no Ontário, estes dados são muito mais altos: 2.369.170 ou 23.7% da população total. Torna-se evidente que o Quebec ficou etnicamente mais homogêneo do que a vizinha Província do Ontário.

Podemos afirmar que uma percentagem significativa da população quebequense de origem britânica deixou a província para se fixar, principalmente, no Ontário (cf. Ram, Shin e Pouliot 1994:41-44). Os dados estatísticos testemunham esta situação. Assim, as pessoas de origem britânica constituíam, em 1871, 20,4% da população do Quebec. Em 1991, esta percentagem ficou reduzida nuns meros 5,1%.

Este êxodo britânico nas duas últimas décadas parece explicar o declínio relativo de Montreal, como metrópole financeira e comercial do Canadá (cf. Came 1996; Murdie 1994). Além deste facto, não podemos esquecer que Toronto beneficiou grandemente tanto do "êxodo" de muitos canadianos de língua inglesa que se viram forçados a sair do Quebec por razões políticas ou económicas, como do influxo de centenas de milhares de outros imigrantes. Até ao recenseamento de 1981, a área urbana de Montreal era maior do que a de Toronto, porém, em 1981, a capital do Ontário já tinha 268.000 habitantes a mais do que Montreal. Em 1991, esta diferença ainda ficou mais pronunciada, pois atingia 766.000 a favor de Toronto.

A área metropolitana de Montreal é o pólo principal de atracção para os imigrantes que se estabelecem no Quebec (88% da população imigrante desta província): os outros centros urbanos importantes são a Cidade de Quebec e Hull. Embora haja imigrantes em todos os distritos da grande Montreal, são particularmente numerosos nas seguintes municipalidades: St-Léonard, St-Laurent, Côte St-Luc, Dollard-des-Ormeaux, Mont-Royal e Montreal (Conseil des communautés culturelles et de l'immigration, 1994).

Apesar da presença duma população imigrante grande e variada, a população de expressão francesa no Quebec tem, constantemente, aumentado. Em 1991, 81,2% dos quebequenses declararam que o francês

era a sua língua materna. Para os anglófonos registou-se um declínio entre 1931 (14.9%) e 1991 (8.7%).

Para 517.975 pessoas que responderam ao Recenseamento de 1991, cujo idioma materno não era nem francês nem inglês, verificou-se que as línguas não-oficiais mais representativas no Quebeque eram: italiano (120.655), espanhol (47.040), grego (41.810), árabe (40.505), português (29.405), chinês (28.430) e crioulo (17.905).

### Presença Açoriana no Quebeque

Na sequência do que ficou escrito nas páginas precedentes, é nosso propósito abordar agora a dinâmica da inserção da comunidade açoriana no Quebeque.

Se nos referirmos à secção deste trabalho em que descrevemos um pouco da história demográfica do Canadá, recordamos que salientámos a multissecularidade da presença portuguesa nas costas atlânticas do território hoje denominado Canadá. Porém, também nos cumpre lembrar que a actual fase da presença portuguesa no Canadá só começou na década de 1950. E entre os pioneiros da imigração portuguesa no Quebeque contavam-se muitos açorianos. Desde a primeira hora, estes encontraram trabalho sobretudo na agricultura e nos caminhos de ferro, onde as condições de adaptação foram bastante difíceis. Nos últimos anos da década de 1960 e inícios de 1970, surge um novo fluxo de imigração açoriana caracterizado pela reunificação familiar. Efectuou-se, em muitos casos, a transplantação pura e simples de famílias inteiras que vieram estabelecer-se no Quebeque. Isto é facilmente verificável em determinadas comunidades. Sirva de exemplo a cidade de Hull, onde dos 3.500 portugueses nela residentes, quase todos são provenientes da Ilha de São Miguel, mais precisamente do concelho da Ribeira Grande e ... da freguesia da Maia. Formulamos mesmo a seguinte hipótese: actualmente vivem mais maienses e seus descendentes em Hull do que na freguesia onde nasceu a maioria da primeira geração. O mesmo acontece com uma outra grande concentração de açorianos como é o caso de Chomedey-Laval, um subúrbio de Montreal.

Como já foi mencionado, o Quebeque é, logo a seguir ao Ontário, a província canadiana com uma das maiores imigrações açorianas. Até data recente, esta relativa preferência pelo Quebeque como destino da emigração dos Açores podia talvez explicar-se, principalmente, pela proximidade geográfica e pelos contactos históricos e familiares dos ilhéus com a Nova Inglaterra e o Canadá. Seria lógico deduzir que esta propensão se explica, por um lado, pela atracção do "sonho americano" e, por outro, pela importância da reunificação familiar.

O apego à família, a importância dos laços de parentesco e o sentimento de açorianidade constituem traços culturais partilhados pela maioria dos açorianos do Quebeque. Redes de contacto alicerçadas em factores étnicos determinam fortemente as áreas residenciais onde se fixam e as oportunidades de emprego para os recém-chegados.

Devido à baixa escolaridade com que chegaram ao Quebeque não é de estranhar que a maioria dos açorianos de primeira geração tenha entrado no mercado de mão-de-obra, sobretudo entre 1953 e 1975, fazendo trabalhos não especializados e semi-especializados. Por exemplo, Teixeira (1986) indica que, em Montreal, aproximadamente metade dos empregados se situavam na construção civil e na indústria; 35% no sector de vendas e serviços e apenas 5% na administração e saúde. Quanto às mulheres açorianas, que a princípio se limitavam às ocupações domésticas talvez devido aos seus grandes agregados familiares, notou-se uma progressiva emancipação sobretudo a partir do momento em que se empregaram fora de casa. As mulheres que se integraram no mercado de trabalho eram segregadas em determinados sectores: indústria de vestuário, limpeza de escritórios, mulher a dias e outras áreas ligadas aos serviços. Devido ao desconhecimento das línguas francesa e/ou inglesa e à carência de formação profissional, as mulheres açorianas — como os homens — limitaram-se aos trabalhos de empreitada, muito mal remunerados e de carácter repetitivo. Quase todos os empregos ocupados pela maioria de mulheres e homens vindos dos Açores enquadraram-se bem no tipo de trabalho onde se não vislumbram perspectivas de futuro melhor (Alpalhão e Da Rosa 1980; Aguiar 1991). Deve-se, porém, salientar que nos últimos anos foram conseguidos ganhos significativos no que concerne os direitos laborais.

Infelizmente, para muitos destes e destas imigrantes não se concretizou nenhuma progressão a partir da posição baixa do “estatuto de entrada” (Goldlust e Richmond 1973; Reitz 1981; Guppy e Lautard 1990). Os operários açorianos adquiriram a reputação de serem pessoas trabalhadoras, honestas e sóbrias. Contudo, no que diz respeito aos açorianos chegados após 1975 e seus respectivos descendentes, verifica-se que estão menos segregados nos empregos.

Noutra linha de ideias, deve-se mencionar que apesar de ocuparem empregos de baixo estatuto social e vencimentos reduzidos, conseguem alcançar uma certa estabilidade económica e não é raro concretizarem o sonho de serem proprietários de casa própria. Este sucesso explica-se, em parte, pela participação de vários membros do agregado familiar, incluindo jovens que não completam a sua educação para contribuírem com os respectivos salários para um maior rendimento familiar e o conseqüente melhoramento do nível de vida.

### Concentração e Suburbanização

Tem sido uma peregrinação muito árdua a que levou os açorianos a deixarem as paisagens islenhas para se estabelecerem, de início, nas zonas rurais e, em seguida, nas principais cidades da “Belle Province”. Aliás, é de notar a predilecção dos açorianos que, se bem nascidos e criados em meios rurais, acabam por se fixar nas grandes metrópoles quebequenses. As três concentrações mais importantes são Montreal (32.330), Hull, incluindo Ottawa (6.580) e a Cidade de Quebeque (710). Estes dados obtidos pelo Recenseamento de 1991 referem-se não somente aos açorianos mas aos portugueses em geral.

Como ficou indicado, Montreal constituiu desde os anos 1950 o principal polo de atracção dos açorianos no Quebeque. A primeira área de recepção coincidia com o Bairro St. Louis por onde passaram gerações sucessivas de imigrantes (judeus, polacos, gregos, italianos, etc.). Esta zona da cidade caracterizava-se por uma ocupação de trabalhadores imigrantes, vivendo em alojamentos precários. A opção por esta parte de Montreal explica-se pelas baixas rendas, pelo preço de venda de imóveis, pelo acesso fácil aos transportes colectivos e à relativa proximidade dos locais de trabalho.

Se na década de 1950, os açorianos eram sobretudo locatários, nos anos 1960 e 1970 eles já eram proprietários de ruas inteiras no Bairro de St. Louis. Entre a bagagem cultural trazida, estes imigrantes privilegiavam a posse de casa própria e, pouco a pouco, adquiriram prédios que iam restaurando com o apoio de familiares e amigos. Não há dúvida que os açorianos revitalizaram as áreas de domicílio e isto com reduzidos recursos materiais e sem apoio financeiro do governo.

Eles deixaram bem vincada a sua presença nos estabelecimentos comerciais, na pintura exterior das casas, nos jardins e quintais com flores, legumes e videiras. Outra marca da presença açoriana inclui os santos e outras figuras religiosas quer no jardim das casas, quer logo à entrada. Neste contexto é fácil identificar as casas açorianas, sobretudo aquelas onde residem micaelenses, visto que utilizam com frequência azulejos com a imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres. Nos pequenos espaços privados disponíveis, tanto nos quintais como junto à entrada principal das casas, os imigrantes açorianos tentam recriar uma atmosfera rural a que estavam habituados nas ilhas de origem. Para alguns, este tipo de “agricultura urbana” serve para pôr em prática os conhecimentos agrícolas adquiridos nos Açores.

Quem visite Montreal pode facilmente identificar as áreas de maior concentração de açorianos. Em 1991, viviam nesta cidade cerca de 16.000 portugueses. Apesar de estarem hoje distribuídos por toda a zona metropolitana, um maior número existe na área delimitada pelas ruas Sherbrooke a sul, boulevard St. Denis a leste, avenue du Parc a oeste e as linhas de caminho de ferro a norte. Como já ficou dito, esta área tem sido um porto de entrada para sucessivas vagas de imigração. Os próprios quebequenses enaltecem as contribuições positivas destes imigrantes. Assim, Lavigne (1987:20) afirma que “os portugueses parecem monopolizar um espaço bem definido. Eles ocupam-no e organizam-no à sua maneira. Comércio. Casas. Instituições. Dão significado à sua presença. Fachadas multicoloridas. Anúncios em língua portuguesa. Eles investem. Reconstróem. Eles estão lá”.

Nesta “aldeia” cuja auto-suficiência é notável, é fácil identificar tanto o fácies tipicamente português como a atmosfera étnica que aí se vive. O elevado grau de “*institutional completeness*” — conceito sociológico que

define a coesão institucional de uma comunidade étnica (cf. Breton 1964) — é bem demonstrado pelo número apreciável de organismos comunitários. Para servir os portugueses de Montreal existiam em 1993, pelo menos, vinte e um clubes e associações, cinco escolas comunitárias e cinco igrejas. Também é digno de realçar que existiam na Província de Quebec, particularmente na zona metropolitana de Montreal, 750 empresas comerciais cujos proprietários eram de origem portuguesa, incluindo como é óbvio um bom número de açorianos.

Segundo Da Rosa e Laczko (1984-87) pode-se identificar os seguintes tipos principais de organizações no seio da comunidade portuguesa de Montreal, a que acrescentamos exemplos de cada: 1. Sociedades de beneficência (Centro de Acção Sócio-Comunitária e Caixa de Economia dos Portugueses de Montreal); 2. Associações recreativas (Associação Portuguesa do Canadá e Clube Portugal de Montreal); 3. Associações religiosas (Missão Portuguesa de Santa Cruz e Igreja Evangélica Baptista); 4. Associações pedagógicas (Escola Primária Elementar "Português do Atlântico").

Se bem que o coração da comunidade portuguesa continue a estar situado na intersecção das ruas St. Laurent e Rachel, onde foi construída a Igreja católica portuguesa, nos últimos anos verificou-se um "êxodo" para os subúrbios, em particular para Laval e para os municípios a sul do rio São Lourenço. Entre outras razões que motivaram esta mudança de domicílio, conta-se a ascensão económica de muitas famílias açorianas de primeira geração e o desejo de adquirir uma habitação unifamiliar com certas comodidades, tais como quintal, jardim à entrada da casa, cave, garagem, cozinha moderna, e igualmente a selecção de uma zona residencial sossegada e servida por uma rede escolar.

Não obstante a tendência para a dispersão, nota-se que esta mudança para os subúrbios, sobretudo Chomedey-Laval, não alterou grandemente a vitalidade dos organismos comunitários, do comércio e dos serviços ligados aos açorianos em Montreal. Apesar de actualmente muitos milhares de açorianos viverem nos arredores da cidade, constata-se que os laços continuam fortes pois uma grande maioria continua a frequentar, com certa regularidade, as associações de Montreal e a fazer as suas compras de fim-de-semana no comércio português.

## Cultura e Assimilação

Separar um grupo étnico da cultura e da língua de origem seria destitui-lo da sua identidade própria. Em geral, os portugueses têm uma tendência para manter a cultura dos antepassados e transmiti-la aos seus descendentes. Dados empíricos e contactos informais com membros da comunidade, levaram-nos a concluir que a cultura portuguesa no Canadá se encontra em fase de transição e adaptação a um novo meio cultural. De facto, se as novas gerações continuam a usar em casa um pouco de português, em público já dão preferência ao francês e-ou ao inglês.

Segundo dados do Recenseamento de 1991, o português é uma das línguas não-oficiais mais faladas no Canadá, por 211.040 pessoas (das quais 33.890 residiam no Quebec). É a quarta língua estrangeira, depois do italiano, chinês e alemão.

Existem alguns trabalhos de investigação sobre este assunto. Salientamos, em particular, o estudo de Veltman e Paré (1985) que apresenta estatísticas bastante relevantes sobre a evolução linguística da comunidade portuguesa de Montreal. Apesar dos imigrantes portugueses usarem frequentemente a língua materna, fazem-no com familiares e amigos. Se ao chegarem ao Canadá, muitos só conheciam a língua portuguesa, passados alguns anos — sobretudo pelo contacto com os colegas de trabalho — adquirem bons conhecimentos de uma das línguas oficiais canadianas. Segundo os referidos investigadores, os portugueses com idades compreendidas entre os 4 e 24 anos apenas fazem uso da língua materna para comunicarem com os pais e avós. Fora do contexto familiar, mesmo entre irmãos, utilizam com mais frequência o francês e inglês. Assim, pode-se concluir que a primeira geração é unilingue, enquanto que os mais jovens são bilingues ou trilingues (Dias 1990).

Também é digno de nota o facto da maioria dos açorianos julgarem ser desnecessário ensinar português aos filhos, uma vez que, na maioria, não tencionam regressar às ilhas, o que não é o caso dos portugueses continentais. Com efeito, nas escolas de língua portuguesa é quase insignificante a percentagem de jovens açorianos que a frequentam. Num artigo publicado no semanário "A Voz de Portugal" (Montreal, 12 de Março de 1981) houve quem alertasse a comunidade porque apenas 10 a 15% das

crianças açorianas estavam a frequentar as escolas portuguesas de sábado. Estes dados continuam a ter validade, como nos foi dado constatar em recentes observações feitas em Montreal.

Aliada ao problema da retenção da língua portuguesa, sobretudo entre os jovens açorianos, verifica-se também uma maior tendência destes para o abandono escolar prematuro. Como é óbvio, a sua baixa escolarização reflecte-se, directamente, nos baixos números de inscrições em cursos universitários. É opinião geral que uma enorme maioria dos estudantes portugueses que frequentam o ensino superior no Canadá são de origem continental.

Podemos situar a etiologia da falta de motivação no prosseguimento dos estudos e do fraco aproveitamento escolar do estudante português médio, no pouco empenhamento dos pais na educação dos filhos. Se compreendemos perfeitamente as limitações linguísticas com que se debatem muitas famílias, já assim não é quando constatamos que o sistema escolar canadiano canaliza percentagens excessivas de estudantes portugueses para o ensino vocacional. Há, portanto, quem não compreenda — ou não queira compreender — que, desta forma, estes jovens estão a ser excluídos, “*de facto*”, de um sistema universitário que nem sequer é elitista.

Se a caminhada é longa e árdua para que um dia os jovens de origem portuguesa ocupem o lugar ao sol que a sociedade canadiana tem reservado aos demais grupos étnicos, é gratificante constatar que os primeiros passos estão a ser dados pela segunda geração de luso-canadianos. Contam-se actualmente por muitas centenas o número destes jovens inscritos no ensino superior e apraz-nos salientar uma sobre-representação do sexo feminino. Dada esta progressão, é legítimo antecipar um futuro aumento da presença de estudantes de origem portuguesa nas universidades do Canadá.

Esta breve descrição da cultura portuguesa no Canadá e no Quebecue ficaria ainda mais incompleta se descurássemos outros papéis importantes das instituições comunitárias na defesa e promoção da portugalidade. Confrontando-se com gigantescas pressões por parte da sociedade de acolhimento, sobretudo nos campos social, cultural e económico, estas instituições servem de escudo protector da comunidade contra as investidas assimilatórias da sociedade canadiana em geral e franco-quebequense em

particular. É porém de lastimar que a maioria açoriana esteja arredada dos quadros directivos dos meios de comunicação social e de muitas associações comunitárias. Também os jovens — tanto açorianos como continentais — se encontram ausentes. Jornais, estações de rádio e programas televisivos poderiam servir de elo privilegiado entre gerações: os mais idosos transmitiriam a cultura de origem, enquanto os mais jovens veiculariam os valores do novo país.

Neste campo, é exemplar a maneira como os açorianos conseguiram transplantar para o novo meio as tradições religiosas e culturais que tão bem caracterizam o seu viver ilhéu. No que toca à religiosidade, nota-se um grande envolvimento dos açorianos na vida das paróquias. Desde a construção de novas igrejas até à onerosa organização de diversos festivais, a presença açoriana é deveras relevante. Os ilhéus transplantados para o Canadá, continuam a atribuir uma elevada significação aos ritos de passagem como é o caso dos baptismos e dos casamentos. Por todo o Canadá, e portanto também no Quebecue, os açorianos organizam as suas festas sobretudo no verão. As celebrações de maior esplendor continuam a ser, como seria de esperar, as grandiosas festas do Senhor Santo Cristo e do Espírito Santo. Para além das funções lúdicas, elas também desempenham um papel fundamental na afirmação colectiva da açorianidade.

## Conclusões

Os elementos de caracterização sócio-cultural utilizados neste trabalho sugerem conclusões algo optimistas quanto à sobrevivência da cultura açoriana no Quebecue. Ainda que a chegada massiva de imigrantes dos Açores se tenha efectuado há menos de meio século, pode-se afirmar que os açorianos vieram para ficar. Não obstante uma determinada subalternização no campo da educação, os açorianos têm sido bem sucedidos na integração económica no novo país. O mesmo se não poderá dizer nos domínios da educação e da política.

Um certo isolamento, por vezes justificado, quanto à participação na vida comunitária, talvez possa explicar a ausência de açorianos na liderança de algumas instituições-chave. Pense-se no que antes escrevemos sobre a comunicação social e as escolas de língua portuguesa.

Estruturalmente, tem-se verificado que a tendência para a concentração de açorianos nalgumas zonas residenciais tem permitido a sobrevivência de muitos traços culturais típicos da açorianidade. Por outro lado, também tem impedido uma maior integração na sociedade de acolhimento. Tratar-se-á de uma opção consciente por parte da população açoriana? Ou será um mecanismo de defesa que os protege da assimilação desejada pelos franco-quebequeses?

Até data recente, defendíamos a tese de que as comunidades açorianas se encontravam bem integradas e a sua cultura sobreviveria no Quebec. A própria mudança para os subúrbios podia ser interpretada como mais uma prova do seu sucesso. No entanto, a seguir aos acontecimentos políticos do outono de 1995, é mais prudente não fazer previsões sobre o futuro dos grupos étnicos da “Belle Province”. É um facto que aumentaram as dificuldades políticas e económicas que os açorianos terão de encarar nos próximos anos — como aliás as demais comunidades imigradas no Quebec. Na presente conjuntura é impossível delinear cenários eventuais. Deve-se mesmo realçar que o futuro dos imigrantes no Quebec não se apresenta muito promissor.

No passado, ainda se ouvia um ou outro responsável do “Parti Québécois” defender a afirmação das culturas não-francófonas estabelecidas no Quebec. Dos recentes debates eleitorais e referendários, ressalta claramente a natureza etnocêntrica das forças hegemónicas que governam esta província. Não se pode esquecer que no seu discurso, após a derrota por menos de 1% no referendo de 31 de Outubro de 1995, o então primeiro-ministro Jacques Parizeau inculpou as minorias étnicas deste retrocesso na luta pela independência do Quebec. Se estas exteriorizações do etnocentrismo franco-quebequense surpreenderam muitos observadores internacionais, o mesmo não aconteceu com milhares de imigrantes residentes no Quebec. A experiência diária já lhes tinha feito sentir que existem duas classes de cidadãos nesta província: os de origem francesa ou “*pure laine*” (como se autodenominam) e ... os demais, ainda que muitos deles também se exprimam em francês. Etnocentrismo quebequense? Por certo. Racismo? Talvez.

Face à insegurança política e às suas consequências económicas, quais serão as reacções dos açorianos? Eis alguns cenários possíveis:

1. uma permanência forçada, motivada pelos laços familiares ou resultante de factores financeiros (por exemplo, dificuldade em vender a casa ou o negócio);
2. um êxodo massivo para o resto do Canadá, sobretudo para o Ontário que também se debate com graves problemas económicos; e
3. o retorno eventual à ilhas donde partiram para a aventura da emigração.

Que futuro para os descendentes de açorianos no Quebec? Os níveis de educação aumentarão e a resultante assimilação será mais acelerada do que na primeira geração. É impossível prever se seguirão os mesmos passos dos antepassados e se conseguirão manter as tradições culturais dos Açores. Dado o reduzido número de estudos sobre os açorianos no Canadá (Anderson e Higgs 1976; Alpalhão e Da Rosa 1980; Teixeira e Lavigne 1992), outros trabalhos de investigação serão necessários para melhor compreender a dinâmica étnica do processo de assimilação, respondendo dessa forma às perguntas antes formuladas.

## BIBLIOGRAFIA

- Aguiar, Luís (1991). "Struggling on so Many Fronts: Attempting to Unionize a Textile and Garment Factory in Montreal". M. A. Thesis. Department of Sociology, McMaster University.
- Alpalhão, J. A. and V. M. P. Da Rosa (1980). *A Minority in a Changing Society: The Portuguese Communities of Quebec*. Ottawa: University of Ottawa Press.
- Anderson, Grace M. and David Higgs (1976). *A Future to Inherit: The Portuguese Communities of Canada*. Toronto: McClelland and Stewart.
- Angus Reid Group (1991). *Multiculturalism and Canadians: National Attitude Study 1991*. Ottawa: Multiculturalism and Citizenship Canada.
- Bibby, Reginald W. (1990). *Mosaic Madness: The Poverty and Potential of Life in Canada*. Toronto: Stoddart.
- Bissoondath, Neil (1994). *Selling Illusions: The Cult of Multiculturalism in Canada*. Toronto: Penguin Books.
- Brazão, Eduardo (1964). *La découverte de Terre-Neuve*. Montréal: Les Presses de l'Université de Montréal.
- Breton, Raymond (1964). "Institutional Completeness of Ethnic Communities and the Personal Relations of Immigrants". *American Journal of Sociology*, 70(2): 193-205.
- Came, Barry (1996). "Storm Warnings: Political Uncertainty and Economic Decline Hit Montreal". *Maclean's*, March 4, pp. 18-26.
- Conseil des communautés culturelles et de l'immigration (1994). *Statistiques: Démographie, immigration et communautés culturelles au Québec depuis 1871*. Québec: Conseil des communautés culturelles et de l'immigration.

- Da Rosa, V. M. P. and L. S. Laczko (1984-1987). "Ethnic Organizational Completeness: A Discussion of Trends in Montreal's Portuguese Community". *Gávea-Brown*, V-VIII (1-2): 17-27.
- Dias, Manuela (1990). "Deux langues en contact: Le Français et le Portugais dans les communautés de Paris et de Montréal". Ph. D. Thesis. French Department, University of Toronto.
- Fleras, A. and J. L. Elliott (1992). *The Challenge of Diversity: Multiculturalism in Canada*. Scarborough, Ontario: Nelson Canada.
- Goldust, J. and A. H. Richmond (1993). *A Multivariate Analysis of the Economic Adaptation of Immigrants in Toronto*. North York, Ontario: Institute of Behavioural Research, York University.
- Knowles, Valerie (1992). *Strangers at Our Gates: Canadian Immigration and Immigration Policy, 1540-1990*. Toronto: Dundurn Press.
- Lavigne, Gilles (1987). *Les ethniques et la ville: L'aventure urbaine des immigrants portugais à Montréal*. Montréal: Le Préambule.
- Lautard, Hugh and Neil Guppy (1990). "The Vertical Mosaic Revisited: Occupational Differentials Among Canadian Ethnic Groups" in *Race and Ethnic Relations in Canada*, edited by Peter S. Li. Oxford: Oxford University Press, pp. 189-208.
- Mannion, John and Selma Barkham (1987). "The 16th Century Fishery" (Plate 22) in *Historical Atlas of Canada: From the Beginning to 1800*, edited by R. Cole Harris. Toronto: University of Toronto Press, pp. 58-59.
- Marques, Domingos and João Medeiros (1980). *Portuguese Immigrants: 25 Years in Canada*. Toronto: West End Y.M.C.A.
- Marr, W. L. (1992). "Post-War Canadian Immigration Patterns" in *The Immigration Dilemma*, edited by Steven Golberman. Vancouver: The Fraser Institute.

- Multiculturalism and Citizenship Canada (1991). *Multiculturalism: What is it Really About?*, Ottawa: Multiculturalism and Citizenship Canada.
- Murdie, Robert (1994). *Economic Restructuring and Social Polarization in Toronto: Impacts on an Immigrant Population*, North York, Ontario: Department of Geography, York University.
- Picton, John (1992). "Visible Minority Population Soaring, Study Finds". *The Saturday Star*, (30 May 1992), A1, A2.
- Ram, Bali, Y. Edward Shin and Michel Pouliot (1994). *Canadians on the Move*, Scarborough, Ontario: Statistics Canada and Prentice Hall.
- Reitz, J. and R. Breton (1994). *The Illusion of Difference: Realities of Ethnicity in Canada and the United States*, Toronto: C.D. Howe Institute.
- Reitz, J.G. (1981). *Ethnic Inequality and Segregation in Jobs*, Toronto: Center for Urban and Community Studies.
- Richmond, Anthony H. (1994). *Global Apartheid: Refugees, Racism, and the New World Order*, Toronto: Oxford University Press.
- Teixeira, Carlos (1995). "The Portuguese in Toronto - A Community on the Move", *Portuguese Studies Review*, 4 (1): 57-75.
- Teixeira, Carlos and Gilles Lavigne (1992). *The Portuguese in Canada: A Bibliography/Les Portugais au Canada: Une Bibliographie*, North York, Ontario: Institute for Social Research, York University.
- Teixeira, Carlos (1986). "La mobilité résidentielle intra-urbaine des Portugais de première génération à Montréal". M.Sc. Thesis, Department of Geography, Université du Québec à Montréal.
- Veltman, Calvin and Odette Paré (1985). *L'insertion sociolinguistique des Québécois d'origine portugaise*, ("Études et Documents"), Montréal: INRS-Urbanisation

"O ensino da Língua Portuguesa no Québeque: "Apenas 10 a 15 por cento de crianças açorianas vão à escola de sábado". *A Voz de Portugal*, (12 March 1981), 5.